



A INTERPRETAÇÃO DA ARTE COM AS FERRAMENTAS DA ESTÉTICA

Ana Palmira B. S. Casimiro

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: anapalmira32@gmail.com

Sibele Sant’Ana Santos Silva

Universidade Ruy Barbosa – UNIRUY (Brasil)
Universidade Jorge Amado – UNIJORGE (Brasil)
Endereço eletrônico: bellesantana@yahoo.com.br

Gláucia Maria Costa Trinchão

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS (Brasil)
Endereço eletrônico: gaulisy@gmail.com

352

INTRODUÇÃO

A presente comunicação é parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, cujo tema é o rendering manual como linguagem, na representação plástica e científica. Apesar de o nosso objeto estar voltado para a criação artística visando o desenho industrial, é imprescindível o conhecimento das teorias estéticas, na arte ou em qualquer tipo de desenho. Mencionamos, aqui, sínteses de alguns autores os quais discutiram algumas categorias estéticas que nos interessam como facilitadoras na interpretação fílmica, musical, plástica, arquitetônica e escultórica, bem como na publicidade e no desenho industrial. No rendering, especialmente.

Um dos mais significativos teóricos da estética é Omar Calabrese (1987) que elenca as linguagens artísticas e as tendências estéticas correspondentes, desde suas origens, no final do século XVIII, passando pelo século XIX, até chegar às correntes estéticas contemporâneas. Segundo o autor, no decorrer dos movimentos artísticos, sempre estão presentes três tendências estéticas básicas: a estética formal, a estética sociológica e a estética semiótica, ambas significativas no presente texto. Conforme Fayga Ostrower (1983), além do estilo individual de cada artista, bem aos moldes da estética formalista, existem três correntes estilísticas, que ela nomeia como “três atitudes básicas”, moldando o curso das grandes correntes estilísticas: O Naturalismo, o Idealismo e o Expressionismo que não são excludentes, e, por vezes, até se interpenetram no estilo de uma época ou na obra de um artista. No naturalismo, segundo

Realização:



Apoio:





Ostrower (1983, p. 312-328), o artista tenta respeitar a configuração natural, sem introduzir ênfases formais que não lhe pertencem, e descrevendo os objetos ou fenômenos com relativa fidelidade; no idealismo observamos a tendência de o artista abstrair os aspectos individuais do fenômeno, bem como reduzir irregularidades, encontrando cânones proporcionais para todas as formas. Um bom exemplo é o da arte clássica grega; e o estilo expressionista, funda-se, sobretudo, na intensificação das nossas emoções, acentuando certos detalhes acima dos limites do normal. O barroco seria expressionista e o renascimento seria idealista. Porém, como dissemos, uma obra pode ser a mescla de dois estilos.

Na presente comunicação, tomamos como unidade de análise o filme: A Missão, discutido em seminário, e considerado como uma verdadeira obra prima. Neste caso, está claro para quem viu o filme que o tratamento dado, desde a excelente trilha sonora de Ennio Morricone, as cachoeiras, as atitudes humanísticas e heroicas dos personagens, é extremamente idealista, romântico, mesmo. Ou seja, só correspondem, em parte, aos verdadeiros acontecimentos daquela época. Mas, para nosso comentário, isto não importa, pois, não é imperativo que o filme seja realista.

Outro autor que nos ajudou um pouco a entender a linguagem fílmica foi Osborne (1983) o qual subordina sua classificação estética aos períodos cronológicos da história da arte e fala das categorias de interesses estéticos que estariam por trás da crítica de arte. Para ele, haveria três categorias principais: a) A categoria do interesse pragmático (vê a arte com finalidades ou função educativa, religiosa, moral, política, edificante, persuasiva etc). Segundo essa categoria, a arte teria valor estético quando é eficaz, atinge os objetivos propostos, educa, ideologiza etc.; b) a categoria da arte como reflexo da realidade, valoriza a arte realista, naturalista, idealista e surrealista, presentes nas tendências clássicas, na Antiguidade e no Renascimento, e cujos critérios julgam que a arte possui valor estético quando possui correção formal, reproduzindo traços da natureza real ou imaginada; c) e a categoria do interesse pelo gozo estético a qual se preocupa com a percepção das formas, elementos plásticos, equilíbrio, harmonia, jogo de cores, dentre outros critérios que se baseiam no gozo estético e tanto aceitam a apreciação formal da arte do passado como da arte do presente. Sem descartar as primeiras, essa categoria é fundamental na arquitetura moderna, no design e na publicidade.

Escolhemos um filme comercial, porém passível de ser analisado mediante essas categorias, mas fica claro que não concordamos com ideia de que a obra de arte tenha



seu valor estético determinado apenas pela sua função pedagógica e/ou edificante, no caso do filme, protagonizado pelos jesuítas salvadores da alma e defensores dos índios da crueldade dos portugueses e/ou apenas pelo interesse estético (que no filme é óbvio).

Apresentamos alguns exemplos ilustrativos de como os fatos artísticos são variados e de como os conceitos de arte são complexos e escapam das nossas mãos. São muitos conceitos, muitas divisões e subdivisões, cronologias, divisões espaciais, muitas formas de expressão: arte erudita, popular, pintura, escultura, música, etc., artes maiores, artes menores, arte utilitária, design, arte primitiva, fruição estética, qualidade artística, valor artístico, além da eterna discussão que antepõe os estilos: a) arcaico, clássico e helenístico; b) erudito x popular; c) clássico x barroco; regional, local e universal, dentre outras subdivisões. Fizemos este exercício apenas como uma amostragem rápida da riqueza teórica do que é discutido na filosofia, na história, na estética e na teoria da arte.

O estudo é importante porque quando precisamos comentar uma tela, uma construção, um objeto utilitário, obras artesanais (ou um filme, obviamente), quando fazemos relações entre as imagens artísticas e outras áreas do saber (como história e/ou educação) devemos recorrer a essas categorias, porque quem assiste vai nos cobrar respostas. Muitas vezes, participamos de debates no campo da história e sentimos incômodo ao ouvir que a arte é um documento plástico, subordinado ao fato histórico, como se fosse somente uma imagem representada, cuja função é atestar a veracidade do documento escrito. Muitas vezes, de forma ingênua, tal deslize é feito até por historiadores de renome e bastante experientes, mas que não buscaram interpretação também nas teorias estéticas.

O filme relata os conflitos entre portugueses e espanhóis na região dividida pelo Tratado de Madrid (1750) que, infelizmente para os jesuítas, coincide com declínio do prestígio da Companhia de Jesus em toda a Europa, já no governo Pombalino que culminou com a expulsão dos inicianos do território brasileiro, em 1759. O filme transita entre recortes de fatos históricos e elementos ficcionais, que possibilitam imensa fruição estética, garantida pelos belos cenários, a excelente e adequada trilha musical de Ennio Morricone, a beleza plástica, o talento dos atores etc.

Segundo as premissas já apresentadas, convergimos para a compreensão da arte como imagem e como linguagem, carregada de significados, e na compreensão do filme como obra da “sétima arte” que informa sobre a realidade, sem negar a importância das



categorias estéticas formais, sociológicas e semióticas. Destarte, pontuamos alguns elementos que fazem ponte entre a narrativa fílmica, a narrativa histórica e a intenção pedagógica do mencionado filme retratando o período colonial brasileiro:

- a) Além da doutrina e de alguns hábitos e costumes cristãos, são focalizados elementos da cultura guarani, como a inocência, as brincadeiras, as mulheres, o cuidado com as crianças etc. Alguns exemplos mostram a praticidade e a criatividade dos ensinamentos técnicos dos jesuítas nas missões, que são destacados no filme, como: A arquitetura erudita da Missão de São Miguel; O uso da taipa de pilão na arquitetura da Missão de São Carlos; A olaria; A manufatura de instrumentos musicais; O uso do guindaste para o transporte de gêneros e objetos, da planície para o platô; A arte da guerra b) A narrativa não traz, no formato, a ‘tensão’ da tragédia, mas traz elementos trágicos, quando o expectador percebe, de acordo com os acontecimentos narrados, que não haverá acordo e salvação para a Missão. O filme transita do trágico (a traição, o fratricídio, a culpa e a catarse) para o épico (a guerra, a defesa dos menores, o ato heroico, a morte);
- c) A recusa da Fé pelos gentios (o martírio do primeiro jesuíta, Julian, na cruz, como Cristo) e a insistência de levar a Fé, pelo segundo jesuíta (a cena da flauta é uma metáfora da paciência e do tempo de aproximação para ganhar a confiança dos índios);
- d) Apresenta fortes elementos da teologia moral cristã, sobressaindo: **O pecado** (a traição, do irmão; o adultério, a vingança, o fratricídio); **O castigo** (a opção pelo castigo para salvação da alma (livre arbítrio); castigo para o corpo: a carga nas costas (trabalho de asno); trabalho braçal (humilhação, só admissível para os servos); a obra de misericórdia do irmão (dar água a quem tem sede); chacota, risos (humilhação); a perda da carga (perda dos bens materiais); **O perdão** (o choro convulsivo (a catarse); o riso, que de zombaria se transforma em simpatia; o perdão de Deus (o abraço do superior); a piedade do irmão; a reeducação amorosa (na visão religiosa, para o serviço de Deus, para a paz); a compreensão das virtudes teológicas – fé, esperança e caridade); **A paciência** (virtude cardinal); a subida do terreno escarpado; o domínio da língua; o demorado processo de aproximação (com a flauta); a conversão; as dificuldades cotidianas;



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas cenas se bastam pela beleza plástica, como o momento em que Rodrigo Mendonza exercita seu irmão Felipe na arte das argolas; a alegria pueril e o riso desdobrado das crianças ‘banguelas’; a recepção das canoas na chegada do enviado papal, quando os remadores ‘quase dançam’, ao som da música de Ennio Morricone, a batalha no rio, a procissão (*Réquiem*) e a partida das crianças que restaram. Não se torna imperativo que o filme seja realista, para extrairmos dele algumas categorias de análise que evidenciam como se deram alguns acontecimentos da educação colonial. Também fica a conclusão de que, sem dúvida, carecemos do amparo da teoria estética para não cairmos no reducionismo de entender a obra de arte, ou a(s) sua (s) mensagens ao ‘pé-da-letra’. Relembramos Ezra Pound, para quem a linguagem artística é carregada de significados e a boa linguagem é muito carregada de significados. Finalmente, reiteramos que, independentemente do enfoque e/ou da abordagem, sendo uma obra de arte, ela se presta a complementar informações documentais, ilustrar ou a funcionar como um verdadeiro documento histórico. Ademais, segundo a estética formal, além da beleza plástica, o filme aqui comentado deixa, também, uma mensagem edificante final que evoca a virtude teologal da Esperança, com a mensagem de João, capítulo 1, versículo 5: “A Luz brilha na escuridão e a escuridão não dominará”.

356

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Estética. Memória Visual. Movimentos Artísticos.

REFERÊNCIAS

- CALABRESE, Omar. **A Linguagem da Arte**. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil: século XVI**. Lisboa: Portucália, 1938.
- OSBORNE, Harold. **Estética e Teoria da Arte**. São Paulo, Cultrix, 1983, 284 páginas.
- OSTROWER, Fayga. **Universos da Arte**. Rio de Janeiro, Campus, 1983. 358 páginas.
- Filme **A Missão**. Atores: Jeremy Irons; Robert de Niro; Liam Neeson; Direção: Roland Joffé; Musica Ennio Morricone; 1986.